



Viajantes da Câmera

A IMAGEM REVISTA

Edição 5 | Ano 2 | Junho de 2013

○ PRAZER EM FOTOGRAFAR...



Foto de Tiemy Saito



Tiemy Saito, cineasta e fotógrafa, possui formação em Realização Audiovisual com especialização em Direção de Fotografia e Animação pela UNISINOS - Universidade do Vale dos Sinos. Trabalha como produtora de imagem na Câmera Viajante e ministra aulas de Cinema na mesma, nos cursos de Cinema Digital I e Fotografia Profissional. Com a produtora cultural *Bolinhas de Chuva*, produz institucionais, vídeo clipes, curta metragens e outros produtos audiovisuais. Na fotografia, se dedica à fotografia de espetáculos teatrais, cujo o enfoque principal é nos grupos de teatro de rua.



A 5ª edição da Viajantes da Câmera - A imagem revista tem tons femininos com os trabalhos de duas artistas que se destacam nas reportagens. São mulheres fortes, em diferentes etapas da vida e que se permitem experimentar novas formas de expressão artística.

A reportagem especial com Avani Stein conta a trajetória desta fantástica mulher, fotógrafa e artista que compartilha conosco sua filosofia de vida. A partir da fotografia impressa, revela novas imagens com o uso de tintas, cores, raspagem - ferindo e imprimindo novas formas - o que resulta num novo elemento-imagem. Avani também é nossa convidada para ministrar a oficina de Foto Pintura - nome apropriado à sua proposta foto e arte.

Apresentamos também uma reflexão que Lídia Fabrício, arquiteta, artista e fotógrafa faz sobre sua criação artística. O feminino e o colorido em sua obra são de muita beleza e cor e nos fazem, a nós mulheres, olhar para dentro, para quem somos. A Fotografia de Moda, sob a regência da professora Márcia Molina complementa esse ângulo feminino.

E, para quem curte fotografia de arquitetura, a Câmera Viajante apresenta a entrevista com o fotógrafo Ricardo Junqueira, diretamente de Portugal.

A revista foi pensada e planejada com carinho para complementar, para ser uma gota em seu universo de conhecimento. Ao mesmo tempo uma despedida de meu trabalho na Editoria, passando o bastão para meu colega, o fotógrafo Rogério do Amaral Ribeiro.

Boa apreciação e obrigada por ter acompanhado nosso trabalho neste primeiro ano de vida.

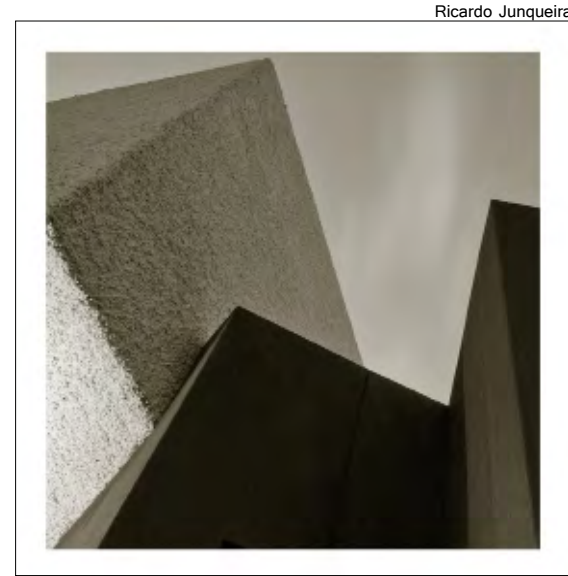
Com carinho,

Karla Nyland
Coordenadora de Projetos



Avani Stein

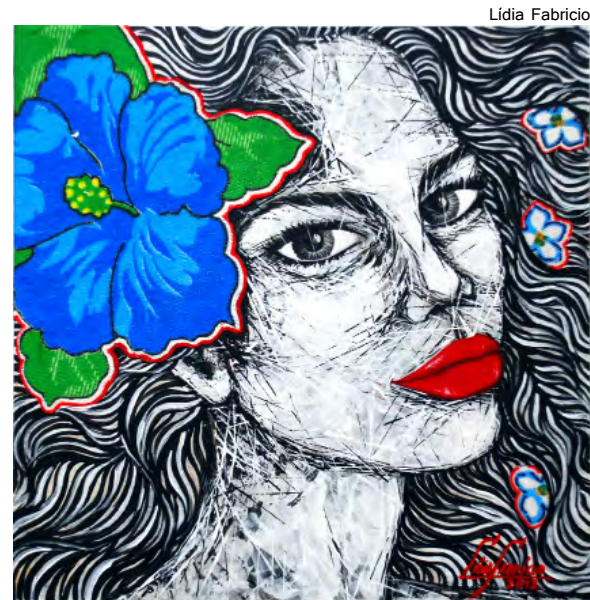
8 - PERFIL
Avani Stein e a foto ferida



Ricardo Junqueira

13 - REPORTAGEM ESPECIAL
Fotografia de arquitetura

- 06** - Dica do Professor - Fotografia de retrato
- 18** - Análise do Professor
- 20** - Clic Legal - PL do fotógrafo
- 23** - Viajantes da Câmera - Rio Pardo
- 31** - Fotografia e Moda
- 34** - Concurso da Câmera Viajante
- 35** - Arte e Foto



Lídia Fabricio

28 - INTERSECÇÕES
Representações do feminino por Lídia Fabricio

Expediente

Publicação Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema
Diretora Geral Karla Nyland - **Diretor de Ensino** Gerson Turelly - **Diretora de Marketing** Karla Nyland -
Direto Administrativo João Miguel Lanita - **Diretor Financeiro** Rogério do Amaral Ribeiro
Redação, diagramação e editoração Fernanda Nascimento - MTB 16317
Revisão Clareana Kunzler Ferreira - MTB 15917
Arte Tiemy Saito
Capa Lídia Fabricio
Periodicidade Trimestral
Edição 05 / Julho de 2013
Endereço Pinheiro Machado, 259 - Independência - Porto Alegre
Telefone (51) 30120421
Site www.cameraviajante.com.br
E-mail viajante@cameraviajante.com.br

O “foco seletivo” no retrato

Fotos Gerson Turelly

Por Gerson Turelly

Fotografar uma pessoa com a qual se tem afinidade ou mesmo um anônimo na multidão é um dos atos fotográficos mais comuns que se realiza. Mas, fazer uma foto onde o retratado realmente seja o destaque da cena é outra história.

Para obter este destaque, pode-se pensar em vários caminhos. Entre outros, trabalhando-se com a posição da luz, com a composição de cores e padrões e, é claro, com a direção do retratado (trabalhando a pose ou a expressão mais natural). Pode-se até trabalhar com a interação existente entre o retratado e o cenário (que neste caso também se torna destaque, desde que a “conversa” entre o retratado e o cenário exista e seja percebida). Porém, há circunstâncias e momentos em que nada disso é possível. Como solucionar e tornar o modelo o destaque do que está sendo retratado?

Há um recurso puramente técnico, disponível em qualquer máquina fotográfica, ou melhor, em qualquer conjunto de câmera e objetiva (lente), e que pode solucionar este problema: o controle sobre a profundidade de campo. A profundidade de campo está associada aos planos que são registrados em foco e/ou com focalização razoável na cena.

Ao contrário de quando se fotografa uma paisagem, em que se procura um foco amplo (grande profundidade de campo, quando todos os planos são registrados com razoável nitidez, mostrando com definição todos os elementos do cenário), no caso de um retrato normalmente procura-se obter um foco específico para o plano do retratado. O



Procure obter um foco específico para o retratado e elimine informações desnecessárias

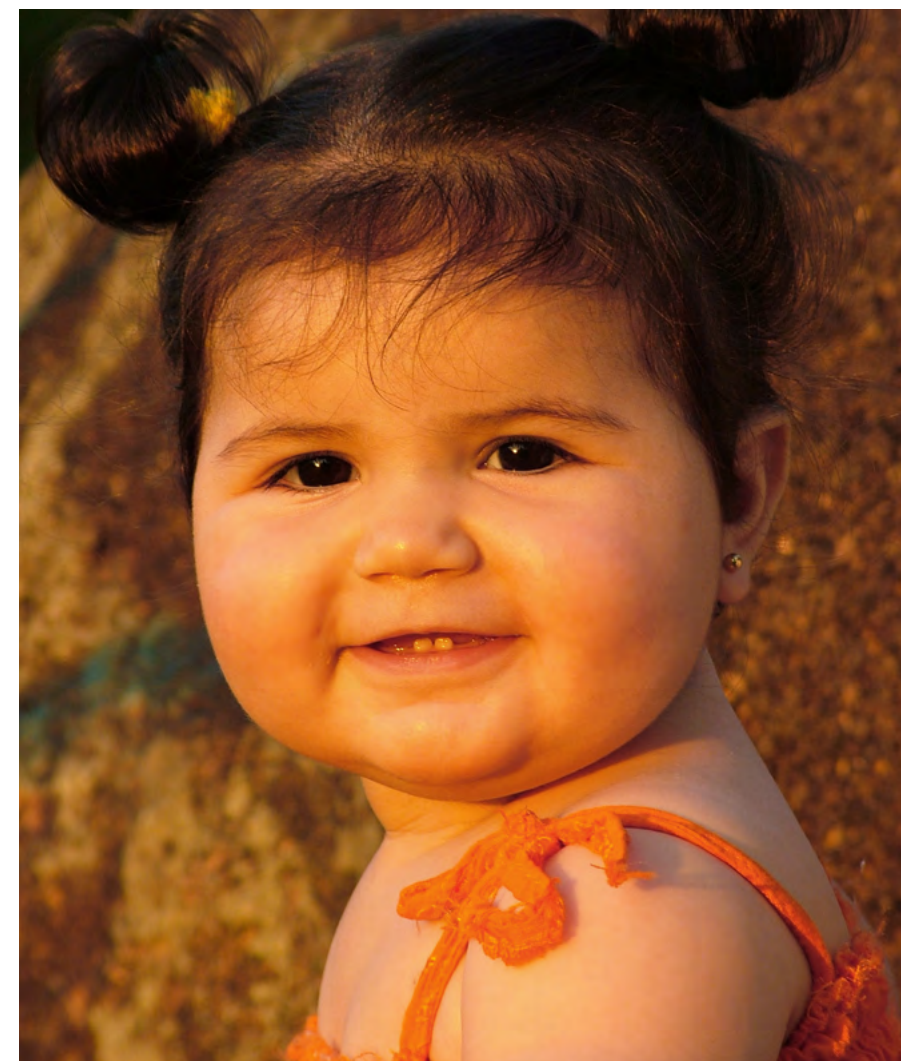
chamado “foco seletivo” (pouca profundidade de campo), pois ajuda a destacar o retratado em relação ao restante da imagem. Resumindo, quanto mais desfocado estiver o cenário de fundo, maior será o destaque para o retratado.

Na objetiva, há um mecanismo chamado diafragma. O ajuste deste mecanismo, embora não seja a única, é a principal variável responsável pelo controle da profundidade de campo. Quanto mais aberto estiver o diafragma, menor será a profundidade de campo, e assim, mais seletivo será o foco.

A escala de aberturas do diafragma se dá nas câmeras (ou nas objetivas) pelos números F (F/1.8; F/5.6; F/22...). Por exemplo, F/1.8 representa uma grande abertura de diafragma e F/22 representa uma pequena abertura. Quanto maior for a abertura do diafragma, menor será a profundidade de campo (maior será o “desfoque” do fundo).

Mas, como foi dito antes, a abertura do diafragma não é a única variável que interfere na obtenção de um foco seletivo. Há outras duas variáveis que influenciam no controle sobre a profundidade de campo: a distância focal da objetiva e distância existente entre o fotógrafo, o retratado e o cenário de fundo.

A distância focal da objetiva está relacionada aos milímetros da lente (18mm, 50mm, 100mm...). Nas objetivas das câmeras reflex, há uma inscrição no anel de ajuste do zoom (se a lente for zoom) ou na parte frontal da lente (se for fixa) que indica qual distância focal está sendo utilizada. Já nas câmeras compactas normalmente não há descrição sobre qual distância focal está sendo utilizada, daí a orientação para o fotógrafo fica no número de vezes em que se está utilizando o zoom óptico (zoom digital não interfere nesta relação). A regra é a mesma para ambos os tipos de câmeras: quanto maior for a distância focal (ou zoom óptico)



Utilize uma distância focal grande e aproxime-se o máximo possível do modelo

co) utilizada na objetiva, mais desfocado ficará o fundo na fotografia.

Já no que diz respeito às distâncias entre fotógrafo, retratado e cenário de fundo, a regra é simples: quanto mais o fotógrafo estiver próximo do seu modelo, mais desfocado será o cenário de fundo e, quanto mais distante do retratado estiver o cenário de fundo, mais desfocado será o fundo. Observação necessária: nas câmeras compactas, devido a uma relação existente entre distância focal da lente e tamanho do sensor, deve-se utilizar a maior distância focal possível para se conseguir um desfoque razoável. ●

Não esqueça!

- Ajuste uma maior abertura no diafragma, como F/2.8;
- Utilize uma distância focal grande, como 100mm, numa lente para câmera reflex ou pelo menos 5 vezes de zoom óptico numa câmera compacta e aproxime-se máximo possível do seu modelo;
- Posicione o retratado o mais distante possível do fundo.

Fotógrafa das emoções

Por Fernanda Nascimento

A emoção de sentir o coração disparar antes e depois de fazer uma fotografia é algo que Avani Stein não deixou para trás, mesmo com quase 40 anos de estrada. O encantamento com o registro da imagem atravessou a trajetória da profissional, que viu e viveu grandes momentos da sociedade brasileira nas últimas décadas. Do fotojornalismo à fotografia artística, Avani conta e ensina com simplicidade e delicadeza neste perfil da **Viajantes da Câmera - A imagem revista**.

Com formação em Comunicação Social pela PUCRS, Avani teve o primeiro trabalho no fotojornalismo

em uma cobertura internacional. Ao saber do terremoto de Guatemala - que vitimou 20 mil pessoas em 1976 - cancelou uma viagem e rumou para o país da América Central. No retorno, vendeu as fotos e desembarcou em São Paulo, onde viria a estabelecer grande parte da trajetória profissional.

Folha de São Paulo, Isto É, Globo Rural, Status, Editora Abril, Jornal da Tarde e Pasquim foram alguns dos veículos que publicaram fotos de Avani, em coberturas que vão da visita do Papa, Fidel Castro na ONU, o acidente atômico Three Mile Island (acidente nuclear nos Estados Unidos), a Revolução Sandinista na Nicarágua até o cotidiano das co-

berturas da editoria de geral.

“Todos os trabalhos são importantes. Cada saída era uma reflexão, uma cobrança e uma dificuldade. Tudo é importante. Teve uns que foram mais significativos para fora, para além de mim, para as publicações em si. Mas, até hoje, o que eu faço em fotografia ou arte é importante. É sempre uma proposta, um projeto de executar o trabalho, é sempre uma reflexão”, afirma a fotógrafa.

Avani enfrentou diversos desafios. Foi a primeira mulher na fotografia do jornal Folha de São Paulo, em 1984. “Sempre tem suas dificuldades. É uma profissão pesada, difícil, que você luta para fazer a

Fotos Avani Stein



coisa. Vai fazer uma pauta de política, por exemplo, é uma luta com os colegas e os seguranças. Uma cotovelada para se abaixar, uma luta pelo melhor ângulo”, explica.

Mesmo em um universo dominado por homens, foi pioneira e conseguiu subverter a lógica de que a fotografia era secundária em relação ao texto em um dos trabalhos que deveria ser trivial. “Ganhei uma lente 180 e me mandaram fazer o lixão de São Bernardo. Eu fiz, mas estava tão animada que enlouqueci e fotografei muito. Ganhei uma página, onde só tem uma coluna de texto e

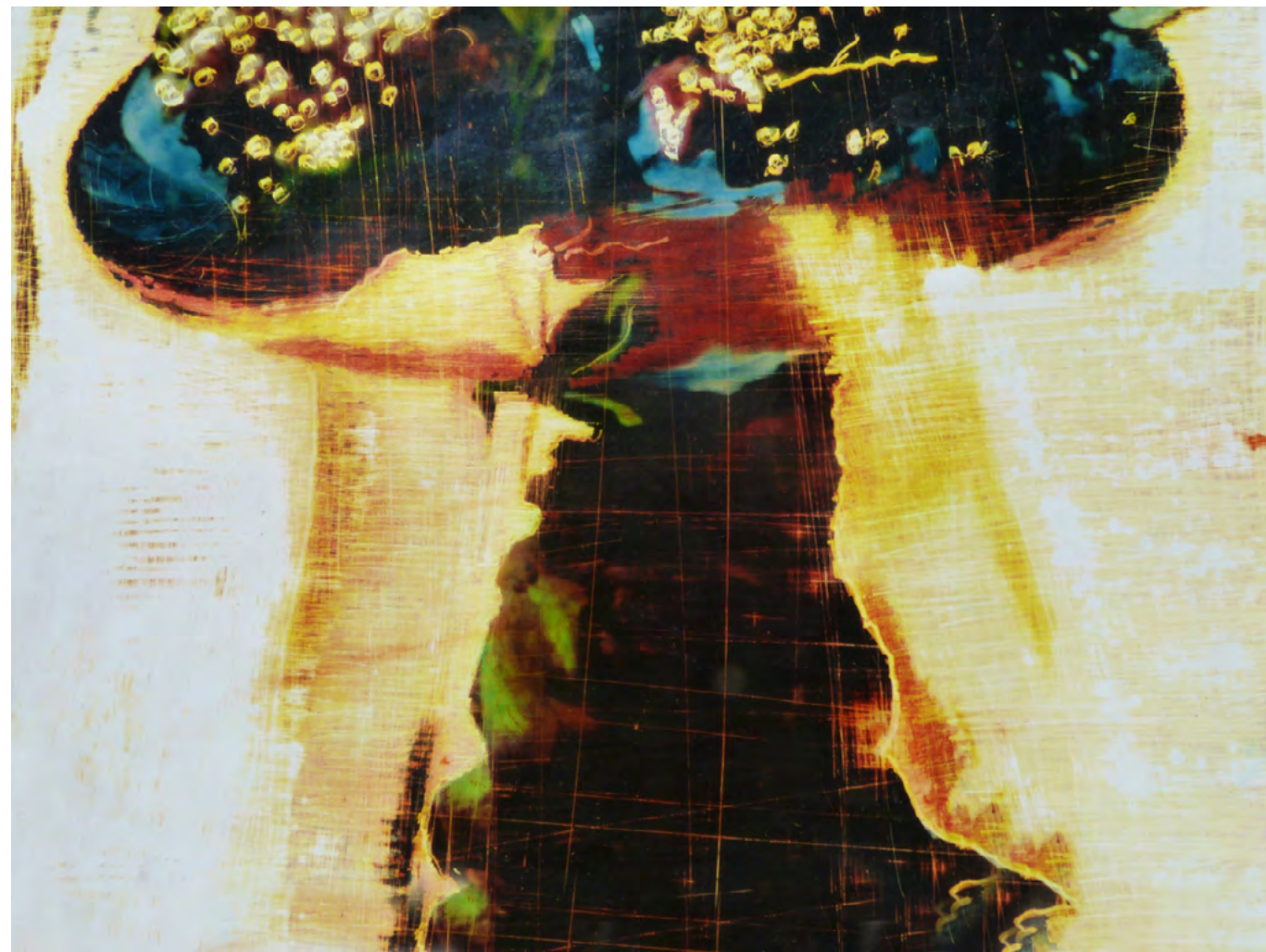
fotografias. Foi bastante significativo para mim e teve uma manifestação dos repórteres fotográficos para que a gente sempre tivesse uma página”, conta entre risos.

Depois da passagem de mais uma década por grandes jornais, virou freelancer e começou a ter tempo para os projetos individuais, um pouco sucumbidos pela vida regrada do cotidiano. Depois de regressar de uma viagem a São Francisco, nos Estados Unidos, encontrou o apartamento vazio e uma nova forma de trabalhar com fotografia.

“Pensei o que eu faço agora?”

Coloquei umas fotos na mesa e comecei a riscar. Aí não parei mais. Fui riscando, enchendo de tinta e aperfeiçoando a técnica que eu dou curso hoje, com foto ferida, foto pintada, foto bordada”.

A técnica foi se aprimorando, com uso de canetas hidrográficas, tintas, estilete, agulha. Efeitos que transformam as fotografias e Avani também. Além de fotografa ela se tornou professora e uma artista. Hoje, ministra cursos em Porto Alegre e São Paulo, integra exposições com a obra, tendo inclusive participado de uma mostra no Museu de



Avani Stein trabalhou por mais de duas décadas nos grandes jornais brasileiros. Capas de jornais e revistas foram uma rotina da fotografa consagrada, que conquistou o centro do País.

Assista a entrevista com Avani Stein aqui: <https://vimeo.com/69706229>

Arte de São Paulo (MASP), um dos mais importantes do país.

“A fotografia é um vício. Existem milhões de vícios e a fotografia é um deles. Consegui controlar alguns deles, mas a fotografia não. É uma coisa que você sente necessidade para viver daquilo. Se eu sair com minha máquina, sairei fotografando cada instante que vejo e me dá prazer. Evito, às vezes, sair com a máquina, exatamente por isso”, relata.

O envolvimento de Avani com a fotografia é cotidiano e intenso, há quase 40 anos. “É uma emoção incontrolável. Teve uma época que eu fotografava e o coração disparava. E o coração batendo. A imagem é uma coisa muito rica. E a imagem da fotografia é uma imagem pura e a emoção é aquela de ficar esperando o que acontece e conseguir captar”, conclui a fotógrafa. ●



Bispo do Rosário e outras influências

As influências para o trabalho de Avani Stein têm duas vertentes: fotojornalismo e arte. O brasileiro Sebastião Salgado e o francês Cartier Bresson são influências clássicas, mas o repertório também inclui o surrealismo do norte-americano Man Ray, ícone da vanguarda de 1920. Entre as grandes influências do trabalho contemporâneo de Avani com foto ferida é o brasileiro Arthur Bispo do Rosário.

O artista plástico sergipano que fez grande parte da obra em uma colônia para pessoas com doenças psíquicas, é considerado um dos maiores gênios brasileiros. Diagnosticado com esquizofrenia constituiu um extenso trabalho que hoje é referência na arte brasileira, pela autenticidade e originalidade, com exposições itinerantes em todo o Brasil.



Foto: Márcia Molina

FASHION

Curso de Fotografia de Moda

Inicia dia 28 de SETEMBRO

Informações: (51) 3012-0421 / 8459-5619 ou viajante@cameraviajante.com.br

www.cameraviajante.com.br



FotoPintura Interferência no papel
Com Avani Stain

Inicia dia 18 de JULHO

Carga horária: 10h



Pousada Maravilha, em Fernando de Noronha. imagem integra um projeto realizado por Junqueira para uma operadora de turismo

Conceitos de vida e fotografia

A fotografia de arquitetura é um espaço em expansão

Registrar em imagens o estilo de casas, edifícios e ambientes internos é uma das mais antigas práticas de fotografia. Hoje, arquitetos, decoradores e paisagistas buscam na fotografia o complemento para seus trabalhos: para que um projeto seja conhecido é preciso que esteja registrado em imagens. A fotografia de arquitetura, por assim dizer, é um dos espaços com leque mais amplo de possibilidades e exige sensibilidade para interpretar e traduzir em imagens conceitos mais amplos de vida, cultura e arte.

Em uma rápida busca na internet é possível encontrar inúmeras publicações especializadas no tema. De-

envolvidos para profissionais e consumidores, as revistas e livros que apresentam projetos de arquitetura têm um profissional essencial por trás de suas páginas: o fotógrafo. É ele que tornará público diversos projetos, seja nas cidades ou em zonas mais afastadas.

A **Viajantes da Câmera - A imagem revista** conversou com Ricardo Junqueira, um dos profissionais brasileiros que trabalha, entre outras coisas, com fotografia de arquitetura. Direto de Lisboa, onde reside atualmente, o fotógrafo contou um pouco da trajetória dentro da fotografia de arquitetura e sua própria história profissional.

Viajantes da Câmera - Como foi o início do trabalho com fotografia de arquitetura?

Ricardo Junqueira - Fui sendo levado para a fotografia de arquitetura. Não era um projeto quando iniciei na fotografia. Em 1979, eu fazia fotos de shows e espetáculos, sem uma especialização nisso, e fui estudar publicidade. Comecei a fotografar. Saí de Brasília para São Paulo, onde comecei a trabalhar com fotografia publicitária. Passei dois anos como assistente de fotógrafos, trabalhando com moda e publicidade. Como São Paulo não tem uma qualidade de vida muito boa, acabei indo para Natal. Lá,

adquiri uma carteira de clientes e me tornei um generalista. Nessa época - nos anos 90 - acabou acontecendo um boom imobiliário, que acabou me levando para a arquitetura. Em 2003 e 2004 apareceram duas revistas de decoração, coordenadas por artistas plásticos e comecei a me especializar mais neste ramo.

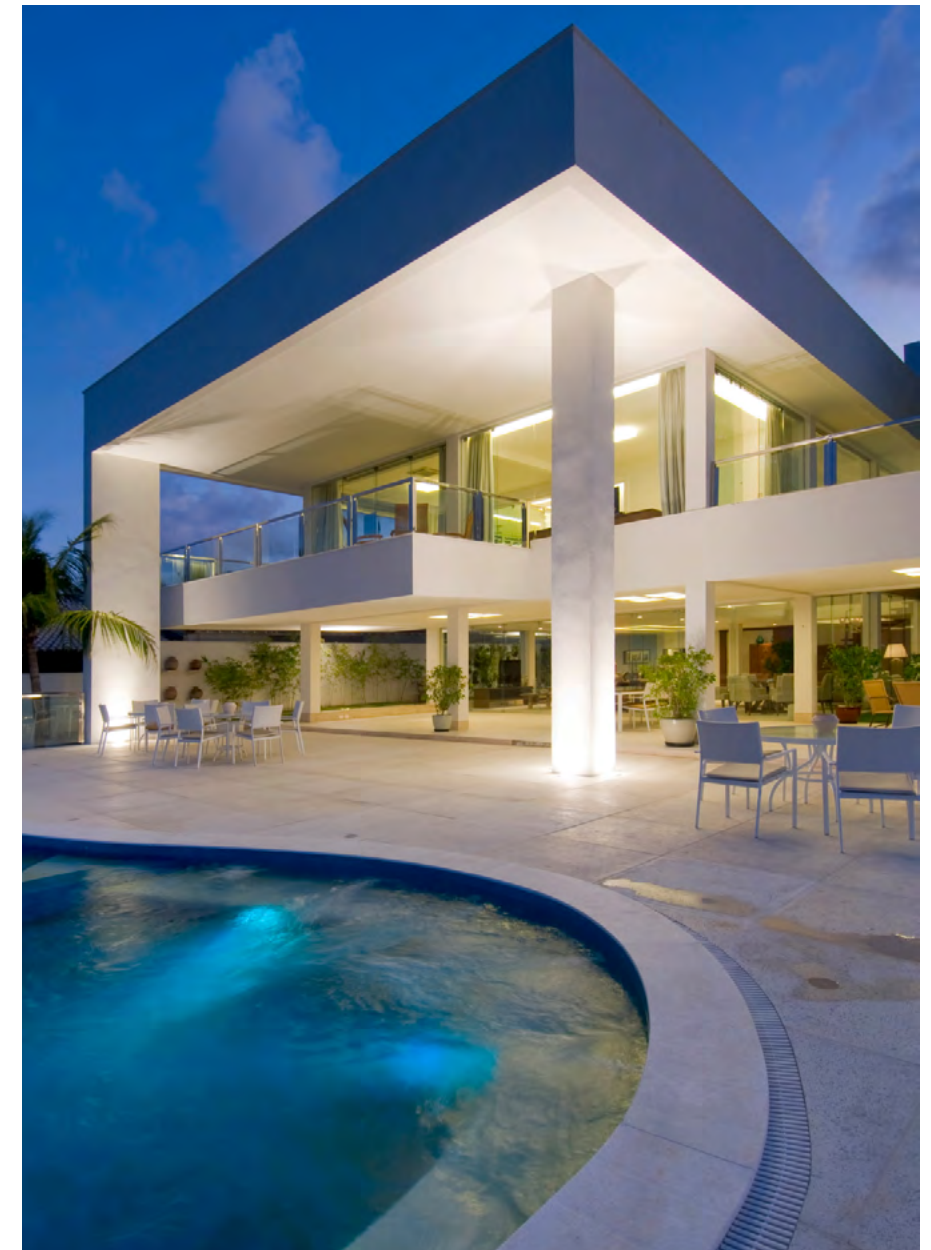
Viajantes da Câmera - O fato de ter trabalhado com publicidade te auxilia nesse trabalho com arquitetura?

Ricardo Junqueira - O que diferencia muito o fotógrafo publicitário do fotojornalista é a intenção da foto. No caso da publicidade, ele quer valorizar o que de melhor existe no projeto. Mas, diferentemente do caso da publicidade, a fotografia com arquitetura não precisa de estúdio, de muita luz, de grande infraestrutura. Tenho certeza que o que me auxiliou muito foi no início do meu trabalho ter feito shows e aprendido a ter um repertório para trabalhar com luz diversa.

Viajante da Câmera - Qual a principal dificuldade da fotografia de arquitetura?

Ricardo Junqueira - As vezes é preciso fazer milagres em projetos não tão bons. Mas uma dificuldade é a iluminação. Essas lâmpadas econômicas, por exemplo. Por vezes, em uma casa, existem cinco tipos de iluminações diferentes. Isso atrapalha muito e é preciso fazer correções na pós-produção. Antigamente era mais fácil, havia luz do dia e incandescente e fluorescentes. Eram apenas três temperaturas. Agora, é preciso fazer um certo malabarismo.

Viajantes da Câmera - O fato de trabalhar apenas com locais e, frequentemente, sem pessoas nestes ambientes, atrapalha?



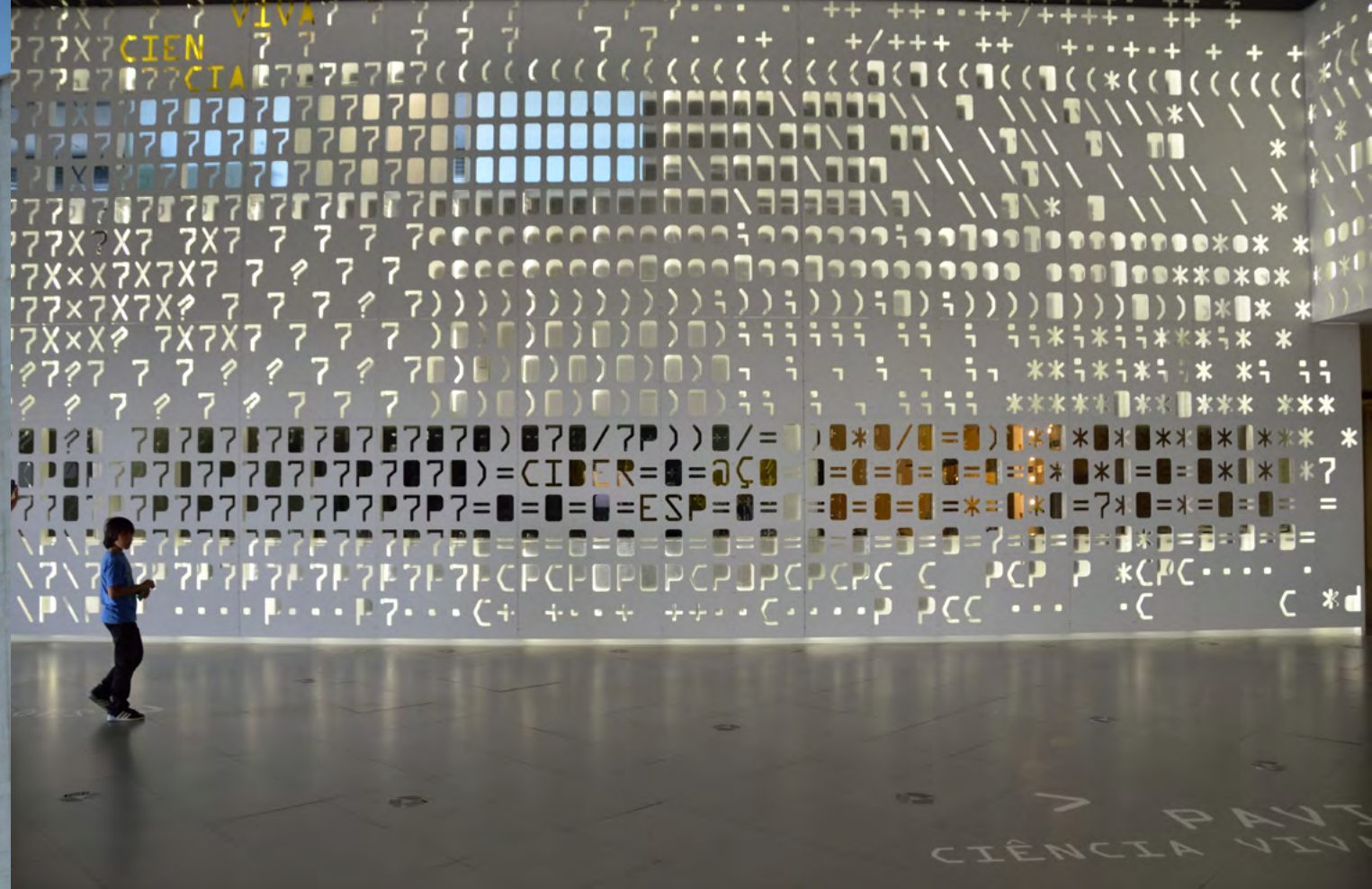
Projeto de casa de praia dos arquitetos Gracila Lopes e Giselle Freire, em Natal (RN)

Ricardo Junqueira - Não acredito. O sofá, por exemplo, não reclama, não tem esse tipo de problema como acontece com modelos. É estático. E me possibilita fazer algo de que gosto muito, que é viajar.

Viajantes da Câmera - Atualmente há um intercâmbio do teu trabalho de Portugal e o que realiza no Brasil?

Ricardo Junqueira - Estou há um ano em Lisboa e estive no Brasil. Há uma clientela fiel e as comunicações têm ajudado muito nisso. O meu telefone do Brasil toca aqui (em Lisboa) e está mais fácil transmitir arquivos. Há um interesse mútuo de mostrar os trabalhos. Tenho vendido trabalhos de brasileiros aqui e de portugueses no Brasil. 📍

Imagem integrante
do projeto pessoal
de Junqueira na Expo
Lisboa, no Pavilhão
do Conhecimento



Dois projetos pessoais de Junqueira: Pavilhão do Conhecimento na Expo Lisboa (acima) e imagens do Farol Hotel, em Cascais (abaixo)



Sensibilidade e técnica

Nesta edição, abrimos espaço para a análise técnica de fotografias. A editoria Análise do Professor convida à reflexão sobre as técnicas para compor uma boa imagem. Boa leitura.

Por João Miguel Lanita

O amigo e fotógrafo Rogério Jacques mostrou toda a sua sensibilidade de olhar e conhecimento técnico ao fazer esta imagem fantástica, vista ao lado.

Quando me foi solicitado que realizasse a análise de uma fotografia, escolhi de pronto esta imagem feita na última viagem da Câmera Viajante ao Rincão Gaia.

Para um estudo mais criterioso, busquei os metadados da imagem. Rogério usou uma lente 18-200 mm ajustada em 100 mm, ISO 100, Exposição 1/800 s com F:8. Esta abertura do diafragma e velocidade do obturador escolhidas propiciaram uma foto nítida, com uma profundidade de campo bem controlada. Ele aproveitou o efeito dado pela iluminação por trás da cena e aprofundou o contraluz, com uma leve subexposição, deixando a imagem com uma silhueta bem definida, principalmente na teia da aranha, e sem um estouro de luz que viesse a prejudicá-la.

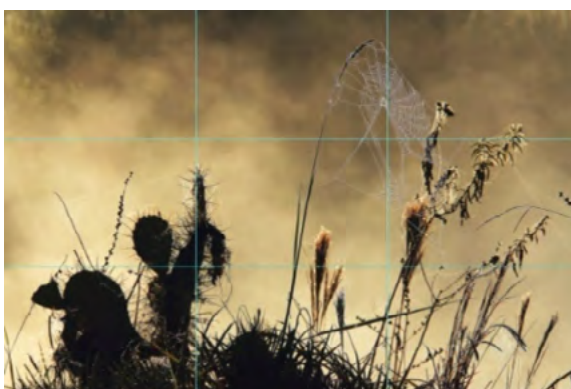
A composição da foto ficou clássica. Com o auxílio da regra dos terços, como mostro na reprodução menor, ao lado, temos uma fotografia bem equilibrada, onde a teia de aranha fica exatamente em um dos pontos de ouro da imagem.

Os tons quentes, vindos do Sol ao raiar do dia, horário característico de uma temperatura de cor baixa, ajudaram a deixar a foto com este agradável sépia da luz que atravessa a neblina. 📍

Rogério Jacques



Exposição	1/800 seg em f / 8,0
Comprimento focal	100 mm
Desvio da exposição	0 EV
Avaliação da velocidade ISO	ISO 100
Flash	Não disparou
Marca	Canon
Modelo	Canon EOS 60D
Número de série	
Lente	EF-S18-200mm f/3.5-5.6 IS



Com o auxílio da regra dos terços, como mostro na reprodução menor, ao lado, temos uma fotografia bem equilibrada, onde a teia de aranha fica exatamente em um dos pontos de ouro da imagem.

Foto do aluno Leonardo Müller / Modelo: Pâmela Spessato



FOTOGRAFIA PROFISSIONAL

Curso com ênfase em fotografia de pessoas (estúdio e externa), eventos sociais, produtos e pós produção (tratamento de imagem e impressão),

Próximas turmas:

Turma SÁBADO: inicia dia 03 de Agosto de 2013

Turma NOITE: inicia dia 13 de Agosto de 2013

Informações: (51) 3012-0421 / 8459-5619 ou
viajante@cameraviajante.com.br
www.cameraviajante.com.br

Muito além de uma regulamentação

O que representa o PL que quer regulamentar o fotógrafo

Rogério do Amaral Ribeiro



Por Eduardo Scaravaglione

Atualmente tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei (PL) nº 2.176 de autoria do deputado Fernando Torres (PSD/BA) que tem como objetivo regulamentar a profissão de fotógrafo. Como um processo legislativo no nível federal do tipo bicameral, isto é, envolvendo a participação das duas Casas Legislativas - Câmara dos Deputados e Senado Federal.

O pequeno PL possui somente quatro artigos. O artigo primeiro diz

que fica regulamentada a profissão de fotógrafo, excluída sua aplicação no caso de exercício da função de repórter-fotográfico, a serviço de empresa jornalística, sob o regime do Decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969. O artigo 2º define aquele que se entende como o fotógrafo profissional. O artigo 3º e seus incisos, bem como as alíneas, dizem quem estaria apto a exercer a profissão de fotógrafo e o artigo 4º e seus incisos dizem o que a atividade profissional do fotógrafo compreende.

De forma breve e abrindo um espaço para diálogo aqui na revista, creio que um dos pontos positivos deste projeto é a abertura de um debate interessante, para que a categoria (re) conheça seus direitos e os instrumentos de proteção que existem e estão ao seu alcance. Mas, vejo que o texto proposto no PL é raso, pois já existe uma normatização suficiente para a proteção dos direitos, não se podendo falar em "profissão marginalizada" como exposto na justificativa do projeto de lei.



Composição Fotográfica

Busca de uma linguagem fotográfica pessoal

Inicia dia 16 de JULHO

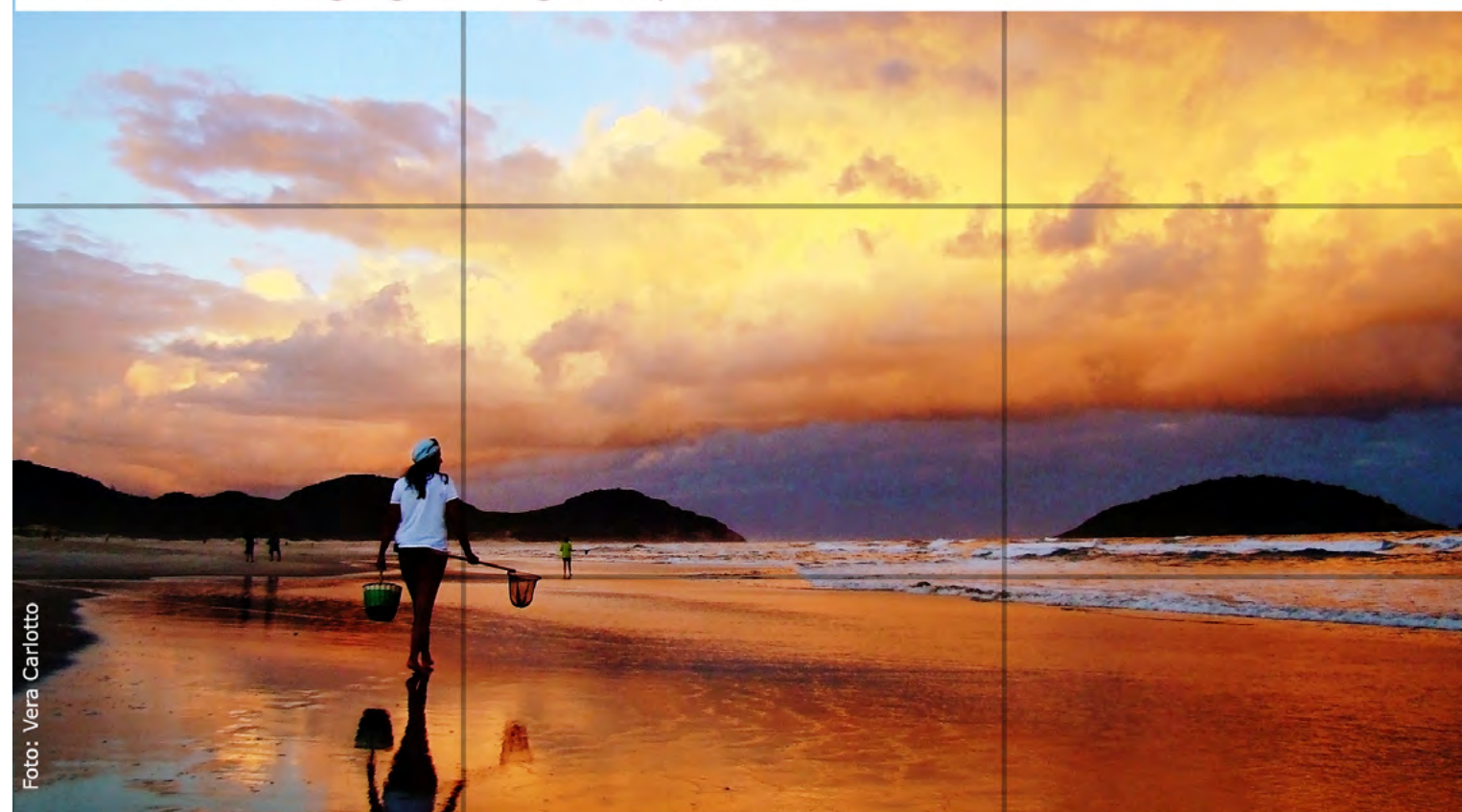


Foto: Vera Carlotto

Informações: (51) 3012-0421 / 8459-5619 ou viajante@cameraviajante.com.br
www.cameraviajante.com.br

A arte do RETRATO



Modelo: Marina Matias Corte / Foto: RAR

Em
AGOSTO

Carla Zanatta



Malba Bispo



Marli Sassi



Fabiola Dornelles



Leyd Souza



A tranqueira invicta

Viajantes da Câmera fotografam na centenária Rio Pardo

Os Viajantes da Câmera foram até Rio Pardo, no feriado de 1º de maio, fotografar o local conhecido como Tranqueira Invicta. Às margens do Rio Jacuí, o município é um dos quatro mais antigos do Rio Grande do Sul. Nos séculos XVII e XVIII teve uma extensão de terras equivalente a 157 mil quilômetros quadrados - mais da metade do território do Estado - sendo a origem de mais de 300 cidades gaúchas.

Rio Pardo é reconhecido como um dos locais históricos do Estado e, teve um papel importante como fortaleza de fronteira quando das invasões espanholas, a partir de 1761. Rio Pardo nunca caiu, por isso sua alcunha : Tran-

queira Invicta. Cenário da prisão do índio guerreiro Sepé Tiaraju, palco da Guerra Guaranítica, Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai, o município é um verdadeiro livro da história do Rio Grande do Sul.

De origem açoriana, tornou-se centro da produção agrícola e um dos mais belos cenários arquitetônicos do período colonial. Alguns fragmentos da vida e da história dessa cidade centenária estão presentes nas próximas páginas da **Viajantes da Câmera - A imagem revista.**

Aprecie mais fotos do passeio na Revista Virtual Rio Pardo:
http://www.cameraviajante.com.br/revista_turismo_rio_pardo.html

Chou Tsing Sung



NinaBeth Muccillo



Heloisa Muller
Diogo Silveira

Camila Binsfeld



Cássio Cervo



Fabiane Binsfeld



Getúlio Loitzenbauer



Regina Dalle Grave



Iria Loitzenbauer



Xavier



Gerson Turelly





Representações do feminino

Por Lídia Fabricio

O tema recorrente na minha obra é a representação do feminino. Num mundo saturado de imagens femininas estereotipadas, veiculadas pela publicidade e pelas mídias, me pergunto até onde a identidade que construímos para nós mesmas é influenciada pela tradição patriarcal. A arte ocidental é impregnada pela imagem feminina, associada ao sagrado, à fecundidade, à beleza, e os signos simbólicos que definem o feminino na arte foram produzidos por artistas masculinos. Talvez, ao representar a figura de uma mulher, minha busca seja entender até onde o universo tradicionalmente atribuído à feminilidade é de fato o meu universo. Quando pinto uma boca carnuda e vermelha, posso estar representando um signo que traduz, muito mais do que uma boca de mulher, o desejo que habita no imaginário masculino. Assim, nessa tentativa de ressignificar o feminino, ao invés de representar Evas, eu pinto Liliths, tecendo com tintas e pincéis o meu contraponto ao eterno feminino da arte ocidental.

Lilith é a figura insubmissa que se opõe à divindade masculina e à repressão em torno do feminino. Como Eva, Lilith carrega também os mistérios da vida e da morte, mas não se submete e rompe com o destino que lhe foi imposto. Na composição dessas Liliths, não fujo aos elementos típicos do universo feminino, como flores, sapatos, vestidos. Ao contrário, me valho e tiro partido deles. Utilizando colagens, visto essas mulheres com roupas coloridas, as cores dos tecidos de chita. Esses tecidos possuem um apelo de humildade, brejeirice e brasilidade e, principalmente, de feminilidade, que sempre me encantaram. Percorrendo o interior de Minas, da Bahia e do Rio Grande, penetrando nas casas simples de chão batido, sou sempre surpreendida pelo modo como as mulheres criam em seus lares uma ambiência feminina, como se estivessem sempre a traduzir sua feminilidade

através desses signos. No universo da dominação masculina, esse foi o reino que lhes restou. E os tecidos de chita estão sempre presentes. Não só nas cortinas e toalhas das casas, mas também nas festas populares, nos teatros de mamulengos, nas manifestações folclóricas, nos vestidos das prendas.

Apaixonada como sempre fui por tecidos, tramas e tessituras, não demorou para que esse imaginário impregnasse meu processo criativo de tal forma que esses materiais passaram a integrar todas as minhas criações, passando pela arte, pelo design e pelo artesanato. Me apropriei dessa tradição folclórica especialmente quando comecei a visitar fábricas

de tecidos na Bahia e em Minas. Em Valença, visitei uma antiga fábrica desativada há anos, e fiquei a imaginar entre seus muros a legião de mulheres que ali teria trabalhado por décadas, produzindo metros e metros de panos floridos e coloridos, como a musa da canção de Noel Rosa, Três Apitos: "Quando o apito da fábrica de tecidos vem ferir os meus ouvidos, eu me lembro de você..."

Nesse processo, me utilizo muito da fotografia para criar minhas mulheres, transpondo as imagens que produzo para o desenho, para depois pintá-las com tinta acrílica. A fotografia é outra paixão que permite inusitadas investigações artísticas. Ultimamente, tenho experimentado co-

lagens de fotografias associadas aos tecidos de chita. São fotos de esculturas clássicas que registro nas minhas viagens, e que quando mescladas às chitas produzem interessantes contrastes, contrapondo o popular ao erudito, o preto & branco das fotos ao colorido dos tecidos, o nobre ao ordinário. Nesses meus experimentos, vou procurando aprender e entender como e quando um objeto de estudos se transforma em uma obra de arte, ou em que momento consegue condensar significados capazes de provocar transformações no observador. É uma busca que exige trabalhar com humildade e sinceridade, para que se atinja uma linguagem estética verdadeiramente significativa. 📍



*COWPARADE
Porto Alegre. 2010*
Viajantes da Câmera - A imagem revista

Ensaio Dark Nouveau

Leonardo Müller



Os alunos que participam do curso de fotografia de moda da Câmera Viajante têm obtido resultados cada vez mais qualificados e surpreendentes. Na última edição, em abril, seis fotógrafos utilizaram as técnicas aprendidas para realizar o ensaio Dark Nouveau. A proposta de coleção outono-inverno traz como propostas os aspectos da decadência, ostentação, refinamento, disputa e as relações familiares.

De acordo com os alunos, o ensaio “busca discutir a decadência das relações familiares tradicionais frente a momentos de crise”. A atualidade do tema emerge em sintonia com os novos paradigmas de constituição da estrutura familiar e o diálogo entre o tradicional e moderno,

o indivíduo e o coletivo.

Nas próximas páginas, imagens do trabalho realizado pelos alunos Ario Gonçalves, Daniel Coutinho, Gisele Becker, Leonardo Müller, Josh Evans e Vanderson Tonette, com a supervisão dos professores Márcia Moraes Molina e Rogério Amaral Ribeiro, no Prédio histórico do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

Assista ao vídeo produzido durante o ensaio Dark Nouveau:
<https://vimeo.com/69652183>



Vanderson Tonette



Gisele Becker



Fotos Josh Evans



Daniel Coutinho



Porto Alegre em movimento

Marcus Pires



Marcus Pires ganhou uma câmera Canon como prêmio pela melhor fotografia do concurso

Juliano Oster



Juliano Oster recebeu R\$ 1.600 em prêmios pela imagem que conquistou segundo lugar

O IV Concurso Fotográfico “Aniversário de Porto Alegre” mobilizou fotógrafos de todo o estado no início deste ano. A parceria entre a Câmera Viajante e a Fnac teve como tema a “Porto Alegre em movimento com foco no esporte” e fez uma homenagem ao premiado profissional gaúcho Jorge Aguiar. O grande vencedor do concurso foi Marcus Pires, em segundo lugar ficou a foto de Juliano Oster e em terceiro, Elvira Tomazoni.

O concurso teve o apoio da Canon, Telimex e Cad Color e concedeu ao primeiro colocado uma Câmera Canon SX500 (zoom 30X), um valor presente de R\$ 500 reais (R\$ 300 em produtos da Fnac e R\$ 200 em acessórios Telimex); ao segundo colocado um vale de R\$ 1.160 (R\$ 760 em vale serviço e impressão da CAD Color, R\$ 300 em acessórios Telimex e R\$ 100 em produtos da Fnac) e ao terceiro colocado um vale de R\$ 900 (R\$ 600 em cursos da Câmera Viajante, R\$ 200 em acessórios Telimex e R\$ 100 da Fnac).

Elvira Tomazoni



Elvira Tomazoni conquistou terceiro lugar

Quintana em palavras e fotos

A parceria entre a fotógrafa Dulce Helfer e os escritores Armindo Trevisan e Tabajara Ruas se transformou em um belo livro-álbum, que conta a vida e a obra do poeta Mario Quintana. Lançado em março, a obra reúne imagens históricas captadas por Dulce – que conviveu com o poeta durante mais de uma década, semanalmente.

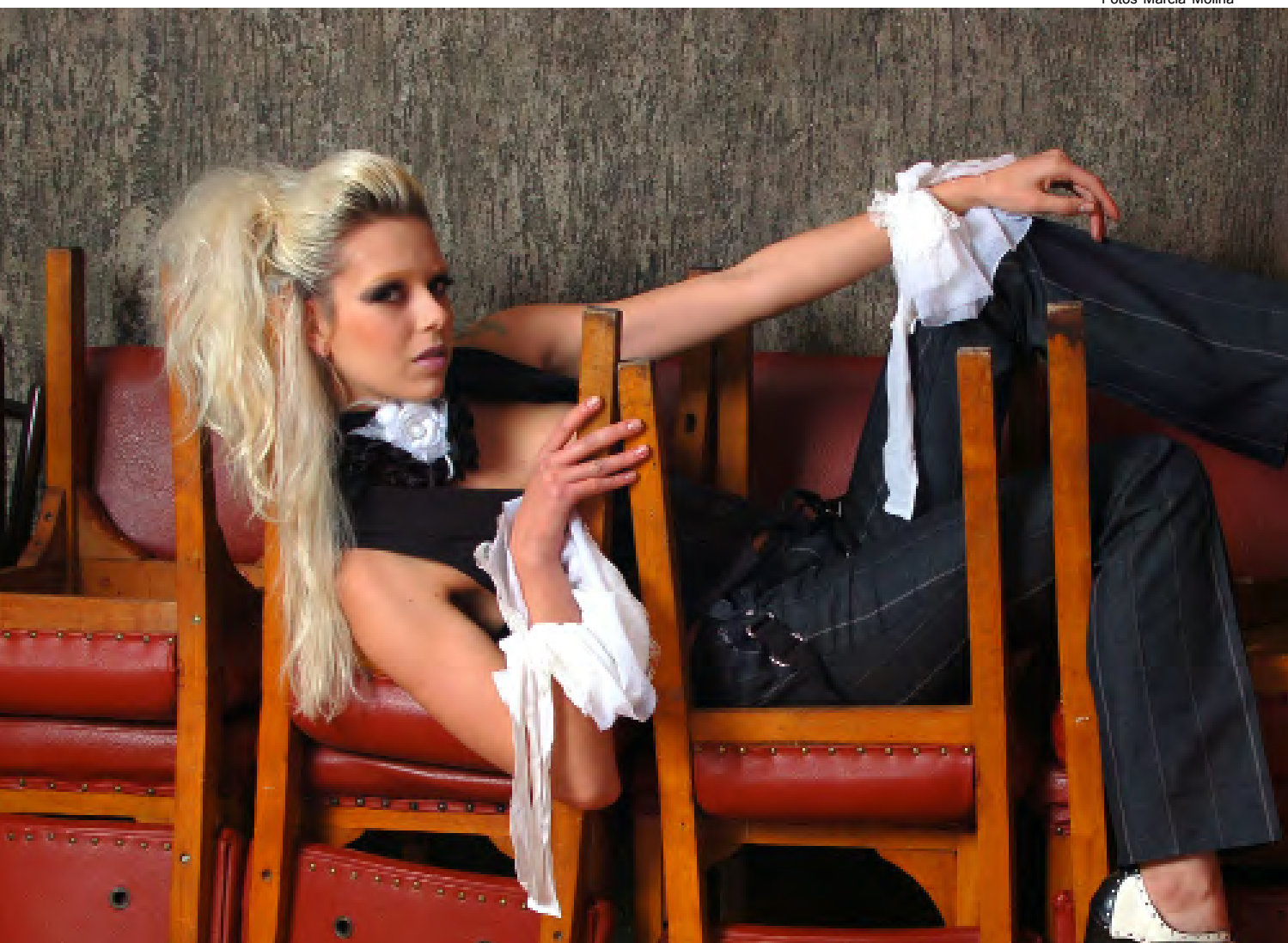
O livro contém aspectos da poesia e da biografia do

poeta gaúcho, com imagens do trabalho e lazer. O escritor Tabajara Ruas apresenta a história de vida de Mario Quintana na voz de jovens admiradores, enquanto o poeta e escritor Armindo Trevisan, especialista na obra de Quintana, oferece um ensaio crítico analisando alguns poemas exemplares, além de definir o repertório poético do livro juntamente com Dulce.

Divulgação/Palácio Piratini



Cristiane Löff, Dulce Helfer, Tabajara Ruas, a primeira-dama Sandra Genro e Armindo Trevisan no lançamento do livro, no Palácio Piratini



Fotos Márcia Molina

Fotografia, Moda e Comunicação

Por Márcia Molina

A fotografia de moda, ao longo de sua trajetória, passou por diversas transformações. A sua constante evolução se deve tanto aos desenvolvimentos técnicos, mas, sobretudo, ao olhar e à criatividade dos fotógrafos e artistas que marcaram suas épocas e, por isso, servem-nos como impor-

tantes referências. Compreender este processo é, sem dúvidas, um grande desafio, seja a partir de qualquer época ou obra estudada.

Atualmente, constatamos uma crescente pluralidade no campo da fotografia de moda, assim como a intensa proliferação de imagens e produtos simbólicos pelos meios de comunicação. Igualmente notável,

principalmente nas últimas décadas, foram as convergências com outros campos, como o das artes, do teatro, do cinema, entre outros, que culminaram em outras visões e possibilidades do fazer fotográfico. Dessa forma, a fotografia de moda atua como um meio de criação e reprodução midiática, a qual atinge e permeia o imaginário de um determinado público,

gerando sentimentos, desejos e inquietações.

A produção contemporânea utiliza a fotografia em suas criações, ora como meio, ora como suporte. A prática fotográfica em um contexto de experimentação artística nos colocou mediante às suas inúmeras potencialidades por desvendar, além de estabelecer um elo entre o desenvolvimento da imagem fotográfica com os movimentos artísticos de vanguarda, que por sua vez, influenciaram e ocuparam um lugar, cada vez maior, no campo das comunicações.

Sendo assim, a fotografia de moda foi sendo construída para criar uma nova ideia de mundo e frente a estas imagens experimentamos as mais diversas possibilidades de comportamento ou, pelo menos, podemos imaginar através das performances. Visto que a fotografia nos permite uma experiência de estilos, ela também nos ajuda a compreender como pensa uma sociedade.

Em uma sociedade midiaticizada, os locais de acontecimento das ações e das performances são, portanto, orientados para a imagem, seja fotográfica ou audiovisual. E o público, a quem se destina qualquer obra, interpreta esta nova gramática estética e de expressão, na qual os elementos da imagem e do imaginário se misturam para compor a trama do ser e estar no mundo.

A fotografia de moda é uma forma de expressão que acarretará numerosos proveitos para quem a utilizar de forma diferenciada. Cabe aos fotógrafos e profissionais da comunicação, sistematicamente, introduzi-la nos contextos midiáticos e, gradativamente, derrubar paradigmas e preconceitos que têm somente uma função: a de limitar a criatividade. ●



As ações e das performances são orientados para a imagem, seja fotográfica ou audiovisual

JULHO

A partir de

- 5** Iluminação em estúdio
Com Rogério do Amaral Ribeiro
- 15** Lightroom
Com João Miguel Lanita
- 16** Composição Fotográfica
Com Vera Carlotto
- Photoshop**
Com Edgar Neumann
- 18** Fotopintura
Com Avani Stein
- Light Painting**
Com Edgar Neumann
- 22** Iluminação em estúdio
Com Rogério do Amaral Ribeiro
- 23** Flash Remoto
Com Bruno Gomes

Atividades previstas

16 de Julho | Sarau Fotográfico de Macrofotografia e Fotografia Ambiental com JM Lanita

Turismo Fotográfico 4/8 Caminhos de Pedra

Gerson Turelly



Cores no frio de Veranópolis e Bento Gonçalves

Parceria Soul Traveler

set/2013 Leste Europeu

Divulgação



Berlim, Varsóvia, Budapeste, Bratislava, Viena, Praga, Cracóvia e Dresden

AGOSTO

A partir de

- 03** Fotografia Profissional
Turma de sábado
- 13** Fotografia Profissional
Turma da noite
- 19** Foto Casamento
Com Bruno Gomes

Fotografia de Retratos - data a definir

SETEMBRO

A partir de

- 28** Fashion
Com Márcia Molina

Mensalmente

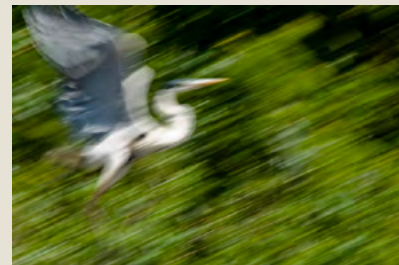
Fotografia

Fotografia Digital 1, 2 e 3 - Turmas manhã, tarde, noite, sábados e intensivo

Cinema

Cine Digital 1

Recomendamos! Expedição Natureza Tocantins Um livro de Zé Paiva



Projeto e fotografia: Zé Paiva
Textos: Adriana Dias
Preço: R\$ 100,00
Onde comprar: Câmera Viajante

Informações e inscrições www.cameraviajante.com.br

A beleza clássica do Leste Europeu

Passeio Fotográfico Internacional 2013

Leste Europeu

22 dias de viagem e muita fotografia

Saída: 06 de setembro
Retorno: 28 de setembro

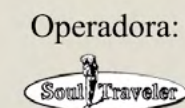
Sob a orientação
do professor JM Lanita

Informações:

Karla Nyland ou JM Lanita
vijante@cameraviajante.com.br
www.cameraviajante.com.br
Fone: 51 3012-0421

Contato para aquisição do pacote:

Agência - Plano de Viagem.com
Claudia Neujahr Klein ou Paulo Barros
+55 (51) 3517.6900
claudia@plannedeviagem.com
www.plannedeviagem.com





Câmera Viajante

Cursos de Fotografia, Cinema e Design



**câmera
viajante**
escola de imagem